

ARQUEOLOGIA EM PORTUGAL

150 anos



ASSOCIAÇÃO
DOS ARQUEÓLOGOS
PORTUGUESES
1863-2013

Patrocinador oficial
FUNDAÇÃO MILLENIUM BCP

Coordenação editorial: José Morais Arnaud, Andrea Martins, César Neves
Design gráfico: Flatland Design

Produção: DPI Cromotipo – Oficina de Artes Gráficas, Lda.
Tiragem: 400 exemplares
Depósito Legal: 366919/13
ISBN: 978-972-9451-52-2

Associação dos Arqueólogos Portugueses
Lisboa, 2013

O conteúdo dos artigos é da inteira responsabilidade dos autores. Sendo assim a Associação dos Arqueólogos Portugueses declina qualquer responsabilidade por eventuais equívocos ou questões de ordem ética e legal.

Os desenhos da primeira e última páginas são, respectivamente, da autoria de Sara Cura e Carlos Boavida.

Patrocinador oficial



Apoio institucional



ESTELAS FUNERÁRIAS MEDIEVAIS, DO DISTRITO DE BEJA – FORMAS, SUPORTES E ICONOGRAFIA

José Daniel Malveiro / Instituto de Arqueologia e Paleociências. Faculdade de Ciências Sociais e Humanas – UNL /
jdbmalveiro@gmail.com

RESUMO

Apresenta-se o resultado do estudo de conjunto, constituído por duzentas e trinta e oito estelas medievais, provenientes do Distrito de Beja, também conhecidas por estelas discóides e estelas rectangulares ou bem como cabeceiras de sepultura. A quando do início deste trabalho, conheciam-se setenta e uma estelas publicadas, correspondendo a 30% do conjunto agora estudado, ou seja, mais cento e sessenta e nove monumentos inéditos, correspondendo a 70% do conjunto. Foi elaborado catálogo de todos os exemplares até agora descobertos, na região mencionada, procedeu-se ao seu enquadramento histórico-arqueológico e estudaram-se os diferentes aspectos que aqueles monólitos proporcionam, o seu suporte e forma, mas nomeadamente a diversa simbologia que patenteiam. Nesta destaca-se iconografia relacionada com práticas religiosas, mas também actividades económicas e militares.

ABSTRACT

This is the result of the study of two hundred and thirty-eight medieval Stelae found in the District of Beja. These Stelae are also known as Discoid Stelae, Rectangular Stelae or Gravestones. In the beginning of this paper, were published seventy one stelae, corresponding to 30 % of the set now in study. The others 70% are totally unknown and are presented in this work for the first time. A catalogue of all the Stelae found in this district, until now, has been made, as well as its historical-archaeological frame of reference. The different aspects of these monolithic stones have been studied, namely the diverse symbolism shown. We can point out the iconography of religious practices, but also economic and military activities.

O TERRITÓRIO

O Distrito de Beja localiza-se no coração da vasta planície Alentejana, sendo a própria cidade de Beja a sua capital e igualmente sede do Município. Aquela foi o principal centro funcional do Baixo-Alentejo na Época Romana, Muçulmana, durante a Idade Média e até aos dias de hoje. O Distrito de Beja é constituído por catorze concelhos, embora só em nove se detectaram estelas funerárias. (Figura 1)

AS FORMAS

Os duzentos e trinta e oito monumentos registados no Distrito de Beja, apesar de alguns se encontrarem incompletos, ou por falta do espigão ou do disco (ou parte de ambos).

Pela quantidade destes monólitos cremos ser conveniente, antes da abordagem à terminologia utilizada, mencionar os exemplares que se encontram fragmentados ou o que conhecemos da sua estrutura morfológica.

Das estelas analisadas, cinquenta e nove conservam o espigão, o que significa 25% do total. Encontraram-se noventa e nove fragmentadas ou sem espigão, representando a maioria com 43%. Os fragmentos são sessenta e dois, constituindo 27% e as que se encontram replantadas são doze, correspondendo a 5%.

Podemos classificar as estelas medievais do Distrito de Beja, com base na sua estrutura morfológica, em dois grandes grupos: discóides e rectangulares.

No presente contexto, entende-se por estela, monólito, de diferentes dimensões e formas, produzido para ser colocada verticalmente a assinalar sepultura.

Estelas discóides – Correspondem a este tipo de monumentos duzentos e trinta e tres exemplares, que representam 98% do inventário. Mostram grande unidade formal. A denominação discóide faz referência à forma circular, ou de disco, que a estela oferece. Devemos notar que os exemplares correspondentes a estelas discóides, apresentam variantes morfológicas, nomeadamente em relação às formas que adquirem os seus espigões, e apenas duas estelas de Beja apresentam decoração lateral ou no perfil.

Estelas rectangulares – A este tipo correspondem cinco estelas, o que perfaz 2% do total do conjunto. De todas elas somente uma, supostamente encontrada na freguesia de Messejana e embora um pouco danificada, apresenta forma rectângular no espigão e ligeira curvatura no volume distal. As restantes quatro estelas apresentam formas rectangulares, oferecendo espigão com algumas variações.

OS SUPORTES

Os tipos de rochas utilizados no fabrico das estelas, do Distrito de Beja, foram o mármore, com cento e noventa e um monumentos, correspondendo a 91 % do conjunto, seguido pelo xisto (5%) com dez monólitos, existindo cinco em calcário (2%) e quatro em granito (2%). Não foi possível verificar nos dezoito monólitos restantes qual a matéria-prima neles usada.

O xisto apareceu nas oito estelas de Garvão e só em duas das cinco da Messejana. O calcário surgiu apenas no concelho de Moura e o granito nas de Mértola e Serpa. O mármore, possivelmente de Trigaches, concentra-se principalmente na cidade de Beja, correspondendo à matéria-prima usada em todos os cento e vinte e cinco monumentos ali presentes.

É difícil poder afirmar que o mármore, das estelas medievais do Distrito de Beja (91% do conjunto), seja todo ele procedente da pedreira de Trigaches/São Brissos. Foram recolhidos por nós, relatos orais da presença de pequenas pedreiras a norte do Alvito e a norte de Marmelar. Estas permitiam mais fácil acesso e, por isso, tornaria a matéria-prima muito menos dispendiosa no que toca ao seu transporte. As distâncias apresentadas são muito significativas, tendo em conta a rede viária e as condições de transporte então disponíveis, aspectos que, por certo, em muito encareceriam aqueles monólitos, tornando-os, desde logo, apenas acessíveis a populações com maior poder económico. (Figura 2)

A ICONOGRAFIA

O presente conjunto de estelas medievais do Distrito de Beja, constituído por duzentos e trinta e oito exemplares corresponde a quatrocentas e setenta e seis faces, ou seja, o anverso e o reverso de cada um dos monólitos. Contudo, contam-se trezentas e dezanove faces “decoradas”, por gravação ou relevo, encontrando-se as restantes cento e cinquenta e oito anicónicas, ou seja, originalmente sem qualquer tipo de imagem ou onde aquelas foram destruídas, não possibilitando a sua identificação. Independentemente das suas variantes, os motivos gravados dividem-se, genericamente, pelas seguintes categorias: cruciformes, ofícios, geométricos, fitomórficos, epigráficos, heráldicos, zoomórficos e antropomórfico.

Das duzentas e quarenta faces com iconografia, os motivos cruciformes aparecem em grande maioria (67%). Seguindo-se, e por ordem de quantidade, os relacionados com os ofícios da época, encontrados em cinquenta faces e correspondendo a 14 % do total. A iconografia geométrica observa-se em vinte e duas faces e corresponde a 9%. Os motivos fitomórficos ocorrem em catorze faces (3%), os epigráficos em seis (2%) e os heráldicos em quatro, totalizando 1%. Os motivos zoomórficos são apenas três (1%). Detectou-se apenas um motivo antropomórfico que corresponde a 0,3% da amostra. (Figura 3)

Os motivos cruciformes (67%) da iconografia classificada incluem as seguintes variantes formais: cruz templária, cruz grega, cruz pátea, ornamento cruciforme, cruz latina e cruz de tau. Entre as figuras crucíferas destacam-se as cruces de lados e extremidades curvas (cruzes templárias) (64%), e as cruces de lados curvos e extremidades rectas (cruzes páteas) (10%). Estas duas formas, em conjunto, representam 74% do grupo de motivos cruciformes. Reconheceram-se também as cruces gregas (21%), os ornamentos cruciformes (4%), as cruces latinas (1%) e um exemplar de cruz de tau.

Registaram-se nos motivos geométricos catorze pentalfas ou estrelas de cinco pontas, quatro hexalfas ou estrelas de seis pontas, um septograma ou estrela de sete pontas e um octograma ou estrela de oito pontas. Estes motivos encontram-se tanto gravados como incisos, ocorrendo principalmente como elementos que ocupam a totalidade dos discos das estelas. Observou-se, em dois monumentos

provenientes de Beja, um pentalfa relacionado na mesma face com uma epígrafe, e aquela forma associada a arado e a possível machado. (Figura 4)

Considerando apenas os vinte e dois monólitos com motivos geométricos, constatou-se que catorze encontram-se associados com cruz na face oposta, enquanto dois apresentam-se sem decoração no reverso e outros dois que conjugam o pentalfa com outros motivos. Também se identificaram estelas com motivo geométrico no anverso, contendo no reverso elemento fitomórfico ou desconhecido.

Os pentagramas, ou estrela de cinco pontas, encontram-se relacionados com a fonte da luminosidade ou fonte de luz. Traçada entre o Céu e a Terra, representa o homem abnegado, radioso como a luz, no meio das trevas do mundo profano (Chevalier & Gheerbrant, 1992, p. 528).

O hexagrama, figura feita de dois triângulos equiláteros sobrepostos, ou entrecruzados, um apontado para cima, outro apontado para baixo, de modo a que o conjunto constitua uma estrela de seis pontas, é uma das representações simbólicas mais universais. Entre os hebreus, cristãos e muçulmanos, é conhecido como selo ou símbolo de Salomão. Esta figura é interpretada como contendo os quatro principais elementos do Universo. O triângulo com o vértice para cima representaria o fogo, o triângulo com o vértice para baixo a água, o triângulo do fogo truncado pela base do triângulo da água simbolizaria o ar. Por outro lado, o triângulo da água truncado pela base do triângulo do fogo corresponderia à terra. (Chevalier & Gheerbrant, 1992, p. 593)

Registámos, embora em menor quantidade, outras formas de estrelas, designadamente de sete e oito pontas. O seu carácter celeste faz delas símbolos do espírito, e a existência de pontas, elementos apotropaicos. (Figura 5)

Onze motivos fitomórficos mostram flor de seis pétalas, dispostas em posição radial e unindo-se ao centro. Identificaram-se também três rosáceas. No registo estudado, a flor ocupa todo o disco ou o centro de motivos geométricos e apresenta seis pétalas. Dentro destas representações, as flores de seis pétalas ou hexafólios, são as mais frequentes. Em termos representacionais são muito semelhantes, com paralelos em muitas outras estelas discóides, nas quais as pétalas estão organizadas em torno de circunferência ou ponto central. Estes motivos são recorrentes em estelas medievais portuguesas. Trata-se de símbolo bastante antigo e frequente já

em estelas tumulares romanas. Segundo a tradição mítica, representaria o Sol e, na tradição religiosa cristã, corresponderá a símbolo de Cristo, luz da vida. As rosetas, hexafólios ou rosáceas de várias pétalas, também muito frequentes no Médio Oriente, consideram-se como tendo, especificamente, significado profilático contra o mau-olhado, podendo figurar o Sol.

Identificaram-se três motivos soliformes, todos em estelas de Beja, dois em relevo e um inciso. Estes integram simbologia sócio-religiosa desde tempos pré e proto-históricos, fazendo parte nomeadamente de iconografia castreja, embora tenham sido bastante utilizados durante o Período Romano em estelas funerárias, onde encontramos motivos afins daqueles que coligimos nas estelas medievais do Distrito de Beja. De facto, parece ter havido continuidade na representação daquele motivo durante a Idade Média, como se verifica nas igrejas românicas do Norte de Portugal.

Identificaram-se sete motivos epigráficos, com dimensões idênticas e formas distintas. Quatro monumentos de Beja encontram-se em falso relevo, enquanto os outros três, um de Serpa e dois de Beja, foram incisos ou gravados.

Registaram-se quatro representações de motivos heráldicos, concretamente três imagens de flores-de-lis e um escudo de contorno subtriangular, contendo cinco pontos. Estela de Serpa (SERP.CALV-24) possui cruz e, na parte superior, flor-de-lis, motivo também descrito por Abel Viana (1949, p. 75) e José Beleza Moreira (1984, p. 337).

Foram identificadas motivos zoomórficos em três estelas medievais com representações de animais, todas procedentes da cidade de Beja. As suas dimensões são quase idênticas, mas oferecem formas distintas. Em dois monumentos observam-se duas representações de bovídeos, e noutra, dois animais aparelhados, podendo corresponder a um bovídeo e um muar.

Foi identificada representação de “*cabeça toscamente insculpida*” (Viana, 1955, p. 15) em estela de Beja. Aquela foi gravada e não está orientada em relação à posição do disco. No anverso, apresenta cruz grega, com as extremidades em flor-de-lis. Não se conhecem paralelos para este motivo, embora se registem antropomorfos associados a instrumentos agrícolas, conforme acontece em estela do Museu Arqueológico de São João de Alporão (Santarém) (Moreira, 1990, p. 192), em exemplar do Convento

de Cristo (Tomar) (Moreira, 2002, p.761), ou em outro de Torres Vedras, com a representação de Jesus crucificado. A imagem da estela bejense pode corresponder a máscara burlesca, mas também de carasco ou algoz.

Foram identificados cinquenta e quatro imagens de artefactos, com diversas variantes. Entre as figuras oficiais destacam-se os arados, com onze representações, tesouras, com seis, cinco podoadas, quatro machados, três relhas, três fusos, e três bestas. Com duas representações encontram-se solas ou formas de sapatos, maços, espadelas ou cutelos, lançadeiras, rocas e rodízios. Detectámos apenas uma representação para serrote de carpinteiro, pá de paideiro, crestadeira, alicata, punhal ou espada, navalha, pincel e possível grade. (Figura 6)

Constatou-se que trinta e três estelas conjugam motivo cruciforme numa face e artefactos na outra. Apenas dois monumentos patenteiam possíveis artefactos em ambas faces. Observa-se numa estela de Beja a associação de artefactos com um motivo geométrico na mesma face, e, no noutro exemplar, podemos reconhecer artefacto em uma das faces e na face oposta motivo soliforme com cruz ao centro. Apenas se identificou, na vila de Garvão, uma estela com artefacto no reverso e com o anverso destruído. Esta apresenta outros motivos que não se observam no estudo de José Beleza Moreira (1990), “Instrumentos de ofício de lavrador em estelas discóides portuguesas”.

Entre a simbologia registada importa relevar, dada a sua raridade, as estelas que apresentam ofícios que, por ora, não possuem paralelos, como as de Beja (BEJA.MRB-24, BEJA.MRB-21) e de Serpa (SERP.MMAS-05 e SERP.MMAS-16), correspondendo às ocupações profissionais relacionadas com a produção têxtil, a apicultura, a metalurgia do ferro ou a profissão de magarefe.

É patente a associação da cruz ao elemento que distingue a profissão do defunto, como uma conjugação entre a vida, a morte e a ressurreição. No entanto, o significado dos artefactos reflecte-se a diversos níveis, nomeadamente na vertente material, dado aqueles serem representativos de ofícios. (Figura 7)

CONCLUSÕES

As estelas medievais do Distrito de Beja concentram-se nos antigos grandes centros urbanos, nomeadamente Beja, onde surgiram em maior nú-

mero. Podemos dizer que se trata sobretudo de um fenómeno urbano. Por outro lado, a presença daqueles monumentos está relacionada com o poder económico daqueles a quem eram dedicados e das suas famílias, correspondendo principalmente a estratos sociais que habitavam os centros urbanos;

A totalidade das estelas encontrava-se associada a templos urbanos. São excepções as estelas da Igreja de São Romão (Alvito), Igreja de Nossa Senhora da Visitação ou Nossa Senhora do Outeiro (Albergaria dos Fusos), Igreja de Nossa Senhora da Conceição (Alfundão), Igreja de Santa Margarida (Peroguarda), Igreja Matriz de Vila Ruiva (Vila Ruiva) e Igreja de Santa Maria de Vilas Boas (Ferreira do Alentejo), uma vez que provêm de pequenas igrejas rurais;

As rochas locais predominam no conjunto estudado. A principal matéria-prima usada nas estelas medievais do Distrito de Beja foi o mármore, nomeadamente o da região São Brissos – Trigaches. Esta matéria-prima oferece melhor qualidade e aspecto estético do que as restantes rochas utilizadas na produção dos monólitos, como é o caso do granito, o xisto e o calcário,

A forma mais utilizada nas estelas foi a discóide, sendo raro as rectangulares, aspecto que se deve, por certo, ao simbolismo daquela, não só de carácter antropomórfico, como solar. Não esqueçamos que aqueles monólitos deveriam representar os defuntos, mas também a ligação ao mundo transcendente. A pedra erecta, a forma e os símbolos de profissão de fé e de ofícios, parecem comprovar o que se refere.

A cruz de braços iguais, nas suas formas e dimensões variadas, designadamente na que é considerada a cruz templária, constitui o motivo mais recorrente da iconografia das estelas medievais estudadas. A cruz parece assumir-se, assim, como símbolo cristão, de identificação do defunto com a sua religião e não meramente um motivo decorativo (Viana, 1949, p. 85). A preponderância da cruz sob diversas formas revela concepção cristã da morte e o desejo simbólico do crente em morrer junto dela, tendo em vista a ressurreição conforme o exemplo de Cristo.

A cronologia das estelas medievais do Distrito de Beja não permite atribuições diacrónicas finas. Todavia, podemos indicar que elas terão começado a ser utilizadas após a Reconquista (séculos XII-XIII) e previveram até ao século XV, não () excluindo a hipótese de haver ocorrências ulteriores. (Figuras 8 e 9)

BIBLIOGRAFIA

CHEVALIER, J; GHEERBRANT, A. (1992) – *Dicionário dos Símbolos, Teorema, Lisboa.*

MOREIRA, J. B. (1984) – Typologie des stèles discoidales du Portugal, *Actes du Colloque International sur la Stèle Discoidale*, Hil Harriak, pp. 319-345, Bayonne.

MOREIRA, J. B. (1990) – Instrumentos de ofício de lavrador em estelas discóides portuguesas, *Signalisations de Sepultures et Stèles Discoidales. V^e-XIX^e Siècles*, pp.191-198, Centre d'Arqueologie Médiévale du Languedoc, Carcassonne.

MOREIRA, J. B. (2002) – Profissões representadas em estelas rectangulares portuguesas, *Actas del VII Congreso Internacional de Estelas Funerarias*, tomo III, pp. 759-769, Fundación Marcelino Botín, Santander.

VIANA, A. (1949) – Estelas discóides do Museu de Beja, *Arquivo de Beja*, vol. VI, pp. 37-85.

VIANA, A. (1955) – Notas Históricas, Arqueológicas e Etnográficas do Baixo Alentejo. *Arquivo de Beja*, vol. XII, pp. 3-53.

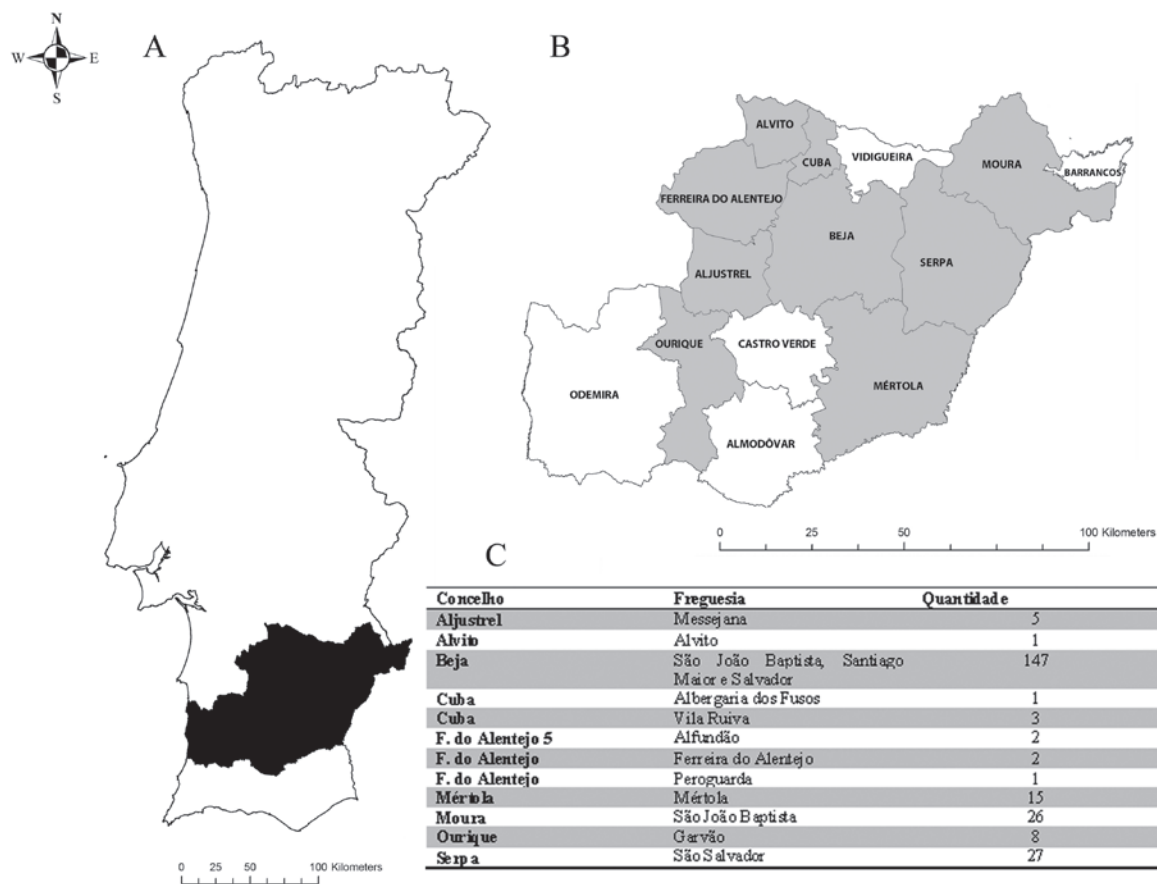


Figura 1 – ????????????? (sem legenda)

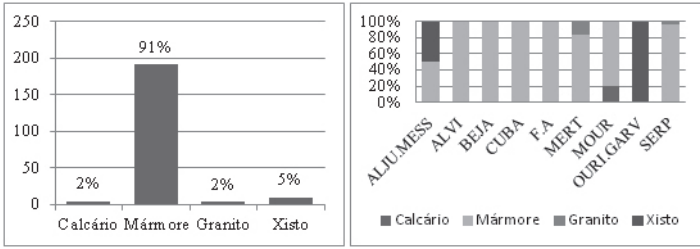


Figura 2 – ?????????????? (sem legenda)

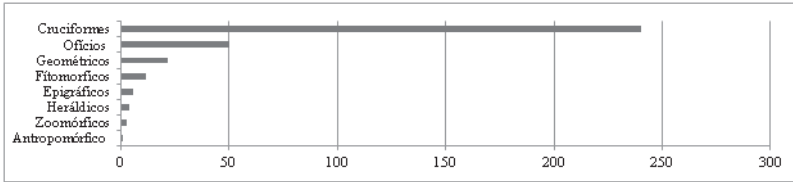


Figura 3 – ?????????????? (sem legenda)

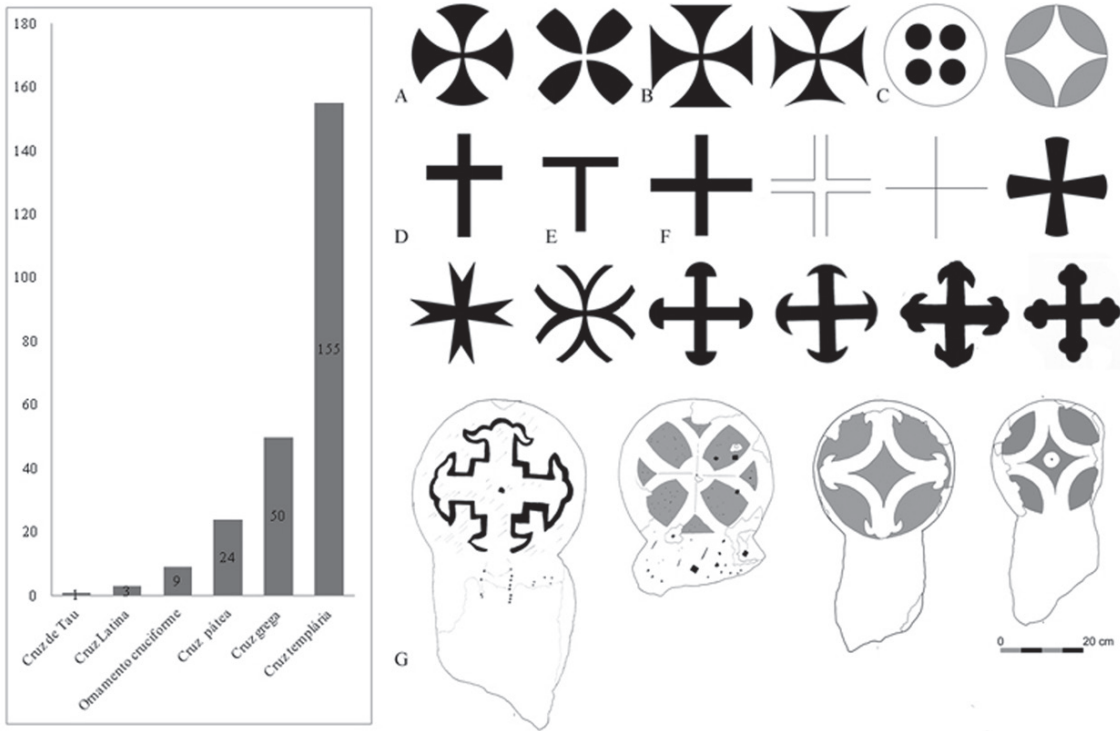


Figura 4 – ?????????????? (sem legenda)

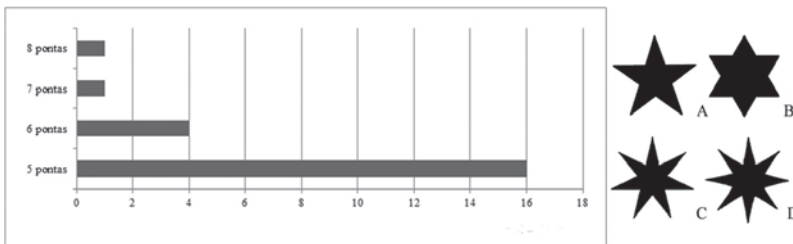
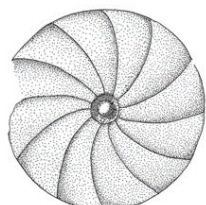
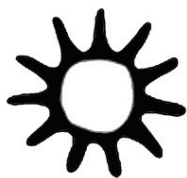


Figura 5 – ?????????????? (sem legenda)

Soliformes



BEJA.MRB-04



BEJA.MRB-47

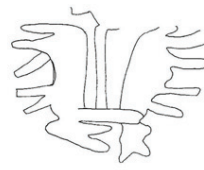
Zoomórficos



BEJA.MRB-05



BEJA.MRB-37



BEJA.MRB-06

Heráldicos



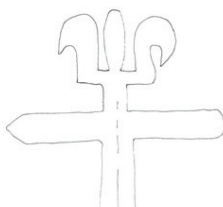
MOUR.MMAM-14



BEJA.ISA-06



BEJA.MRB-69



SERP.MMAS-24

Antropomórfico



BEJA.FJ-02

Epigrafcos



BEJA.MRB-19



BEJA.MRB-17



SERP.MMAS-07



BEJA.MRB-75



BEJA.MRB-20



BEJA.MRB-39

Fitomórficos



BEJA.MRB-33



Figura 6 – ?????????????? (sem legenda)

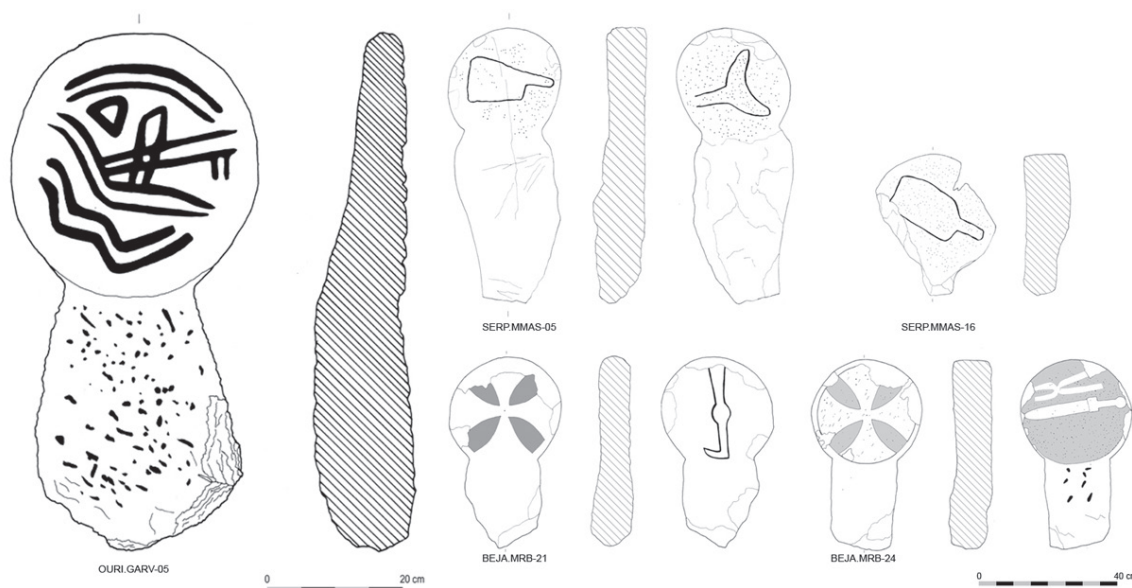


Figura 7 – ?????????????? (sem legenda)

Artefactos - Agrícolas, oficinais e militares



Figura 8 – ????????????? (sem legenda)

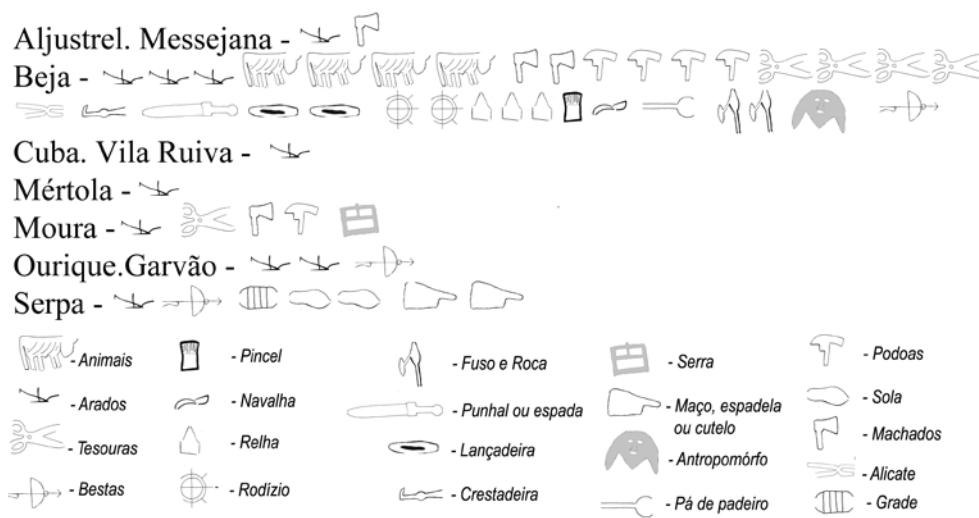
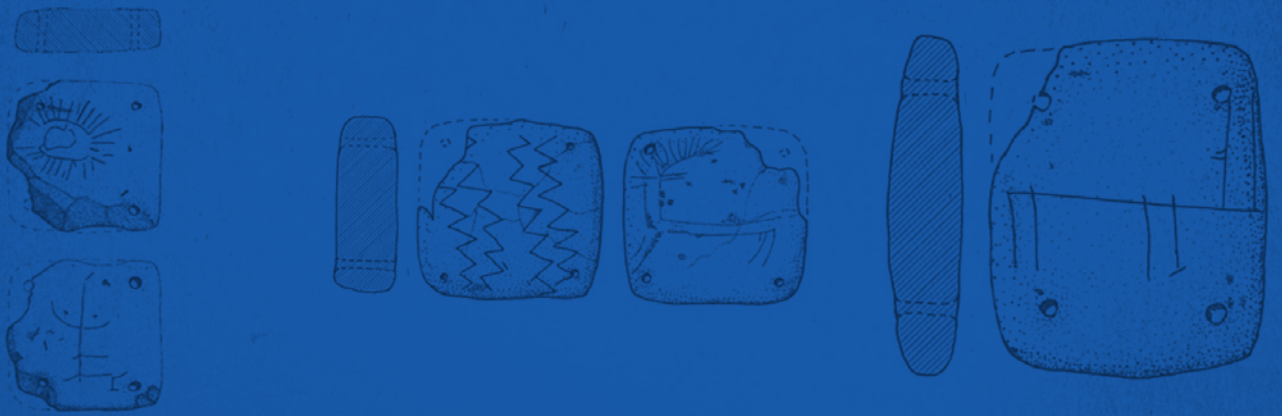
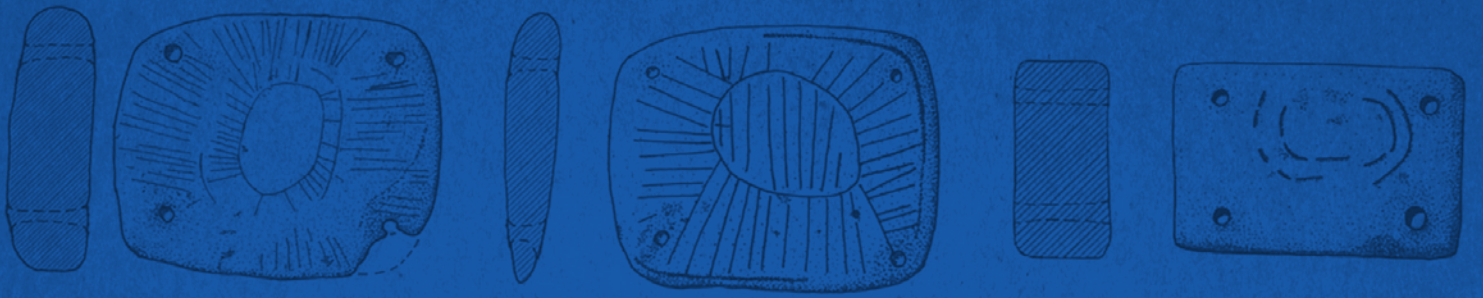
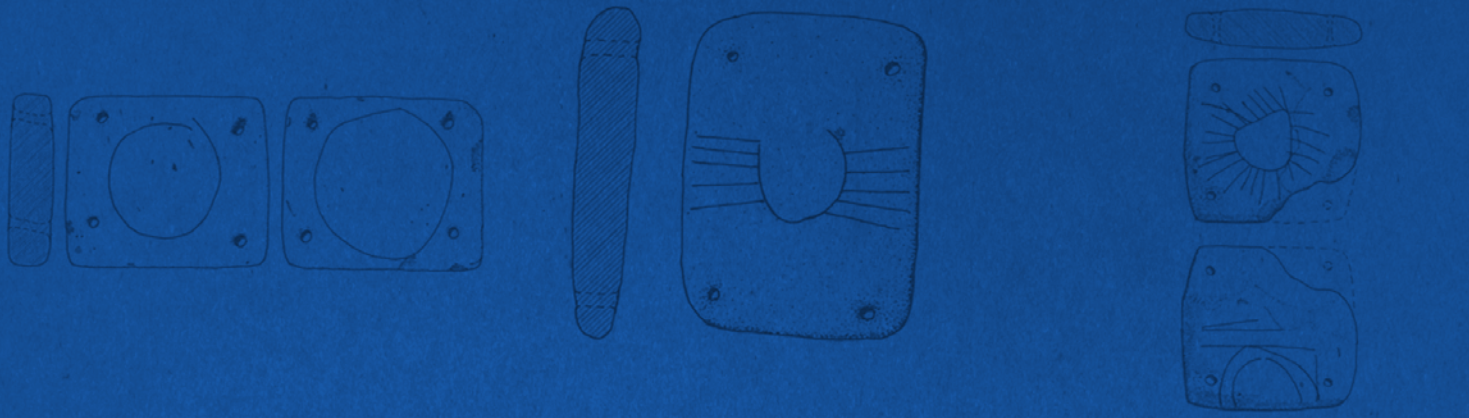


Figura 9 – ????????????? (sem legenda)



AAP
ASSOCIAÇÃO
DOS ARQUEÓLOGOS
PORTUGUESES

Patrocinador oficial

Apoio institucional

FUNDAÇÃO
Millennium
bcp

BNP
BIBLIOTECA
NACIONAL
DE PORTUGAL

 GOVERNO DE
PORTUGAL


Parques de Sintra
Monte da Lua